

A Europa no Mundo

Maria Carrilho

Conselho Directivo, IEEI

Numa época em que a União Europeia é cada vez mais apercebida como a “Europa” e em que esta mantém, ou acresce, a sua capacidade de aglutinação de países e de povos (alargamentos recentes e futuros) e de atracção (fluxos migratórios com destino europeu), interessa saber como está e como deverá ser definido o papel da Europa no mundo.

Conscientes de que existe, nas várias regiões do globo, uma procura de um interlocutor “Europa” por parte de responsáveis, a diferentes níveis, governamental e não governamental, será que a UE está a corresponder, será que se está a construir enquanto tal?

Será que a Europa poderá continuar a expandir ou mesmo a manter a sua capacidade económica sem assumir mais claras responsabilidades no xadrez internacional?

É, ao mesmo tempo, incontornável dedicar mais atenção às relações com os Estados Unidos. Depois de mais de meio século de “guarda-chuva norte-americano” – mas terminada a Guerra Fria e constatadas as limitações e vulnerabilidades dos próprios Estados Unidos, apesar de tudo bem menores do que as europeias – iremos ser capazes de corresponder à necessidade, enunciada pelos próprios estrategos americanos (Z. Brzezinski, *Second Chance*, 2007), de uma Europa mais determinada politicamente enquanto parceiro global, num quadro de centralidade da comunidade atlântica no panorama mundial.

O questionamento e o debate sobre o papel da Europa no mundo é hoje necessário para melhor identificar objectivos e métodos – e é no processo de articulação entre o nível intelectual e o nível da prática, assim como na interacção entre os seus diversos “produtores” que se podem desenvolver ideias partilhadas e procedimentos comuns, capazes de promover maior coesão entre os próprios europeus.

O desafio lançado pelo IEEI foi plenamente acolhido e aceite, conforme demonstram os vários contributos, que testemunham de um dinamismo e capacidade de reflexão que, no nosso país tem vindo, notoriamente, a crescer nesta área. Desde os temas primaciais, mas não paralisantes, da definição de fronteiras e da compreensão e extensão do próprio “conceito” de Europa, incluindo os alargamentos, até à imagem de Europa, à sua legitimação enquanto actor internacional que integra novos elementos normativas, como a segurança humana em contexto de liberdade. Desde a colocação da Europa em relação às potências emergentes e aos processos de regionalização a nível mundial, aos significados e controlos dos mesmos até à gestão das expectativas dos países vizinhos, à cooperação com estes e à responsabilização partilhada na aplicação da ajuda ao desenvolvimento. Portugal apresenta-se aqui como parte integrante de um todo europeu, com os seus limites, mas também com as suas possíveis mais-valias, enquanto país consciente de um passado que, no nosso entender, deve servir mais de propulsor de si próprio do que de lição para os outros...